

Experiência de Voluntariado com Refugiados em Lesbos

Volunteer Experience with Refugees on Lesbos

Rita Coelho

Serviço de Pediatria, Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, Amadora, Portugal

Acta Pediatr Port 2018;49:54-5

DOI: 10.21069/APP.2018.12120

Em primeiro lugar quero dar os parabéns aos Editores-Chefe da Acta Pediátrica Portuguesa pela coragem em publicar o editorial “Um Ponto de Partida” sobre a crise humanitária dos refugiados.¹ Neste artigo alertam as nossas consciências e promovem a reflexão sobre o nosso compromisso enquanto profissionais que lidam com crianças. Desafiam a nossa indiferença e obrigam a nossa sociedade, adormecida no individualismo e na indiferença em relação ao próximo, a pensar sobre a acumulação dos refugiados às portas da Europa.

Segundo o United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) existem, atualmente, 65 milhões de pessoas desalojadas no mundo, incluindo refugiados, requerentes de asilo, deslocados internos, apátridas e retornados. É o valor mais elevado de sempre da história da humanidade, 51% tem idade inferior a 18 anos.² Refugiado é toda a pessoa obrigada a deixar o seu país devido a conflitos armados, violência generalizada ou violação massiva dos direitos humanos.³ Atualmente, a Síria é o país com o maior número de refugiados, seguido do Afeganistão e Somália.² A Turquia é o país que mais os acolhe, seguido do Paquistão e Líbano.² Dos 20 milhões de habitantes sírios, 13 milhões já abandonaram as suas casas, desde a primavera árabe, em 2011.⁴ Nos campos de refugiados, é aumentado o risco de violação dos direitos humanos, tráfico humano, exploração sexual e redes de pedofilia. Por isso, muitas famílias arriscam uma travessia marítima, na tentativa de recomeçar uma vida na Europa. Foi assim que cerca de um milhão de refugiados sírios deu entrada no continente europeu em 2015.⁴ A Convenção de Genebra, assinada em 1951 pela maioria dos países do mundo (Portugal incluído), base do direito humanitário internacional moderno, determina que os refugiados devem beneficiar de proteção num país de acolhimento.³ No entanto, este drama está longe de ficar resolvido.

Foi como resposta à minha inquietação: “O que posso eu fazer?”, que decidi partir como voluntária da Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR). Durante o mês de abril de 2016, realizei uma missão na ilha de Lesbos, na Grécia, no âmbito do Programa de Voluntariado PAR Linha da Frente. Partilho, por isso, a minha experiência e algumas reflexões a que este tema sempre convida. Lesbos é uma ilha grega localizada a 5 km da costa da

Turquia, por onde deu entrada o maior número de refugiados para o continente europeu durante o ano de 2015 (Fig. 1).^{4,5} A decisão da Europa de encerramento das fronteiras gregas, em março de 2016, não conseguiu travar este fluxo de refugiados. Assim, o cenário que encontrei ao chegar a Lesbos, e que ainda se mantém, foi de acumulação crescente de refugiados.⁶ Esperam, há meses, por ser reconhecido e resolvido um direito seu, o direito ao asilo.



Figura 1. Chegada de refugiados à Europa pelo mar Mediterrâneo em 2017. O fluxo de refugiados à Europa pelo mar Mediterrâneo mantém-se. Em 2017 já foram registadas cerca de 110 000 chegadas e de 2400 mortes.⁵

O meu trabalho como médica decorreu essencialmente num alojamento de refugiados de maior vulnerabilidade (grávidas, lactentes, famílias com crianças pequenas, mulheres sozinhas, doentes crónicos e doentes em convalescença), gerido pela organização não governamental (ONG) Caritas Hellas. Dos 200 refugiados alojados, a maioria era de nacionalidade síria e metade eram crianças. As atividades médicas que desenvolvi foram dirigidas à idade pediátrica, tanto na resolução de doença aguda como na elaboração de projetos / programas de saúde. Colaborei no projeto de atualização das imunizações das crianças, numa parceria com outras ONG (Médecins Sans Frontières e Boat Refugee Foundation) e com o governo grego. Coube-me a tarefa de proceder ao levantamento do estado de vacinação de todas as crianças, contando com a ajuda de uma tradutora inglês-árabe (uma jovem refugiada) para entrevistar cada uma das famílias. A par da atividade clínica, fui-me familiarizando com as rotinas e hábitos culturais das famílias, principalmente porque era o mês do Ramadão, e aprendendo a pronunciar *marhaba* (olá em árabe). A minha presença, progressivamente mais familiar, ia sendo cada vez mais solicitada pelos pais para dúvidas relativas à saúde dos seus filhos. Tornei,

por isso, as visitas domiciliárias uma rotina na minha atividade diária. Nestas famílias, em clima de guerra há anos e em fuga há meses, estar vivo é uma bênção diária.

À medida que vamos entrando na vida e na história das famílias, feridas mais profundas se vão pondo a descoberto. As necessidades não se esgotam na falta de cuidados de saúde. As vítimas sofrem com a guerra, perseguição e injustiça. Deixam a casa, a comunidade, os familiares. Perdem a própria identidade e passam a pertencer à grande massa de refugiados. O mundo assiste e cala-se! As fronteiras fecham-se! Onde encontrar sentido para isto? Como recuperar a esperança? Como continuar a acreditar na felicidade, na bondade, na humanidade? Qual o papel da nossa presença no terreno? A nossa presença no terreno não resolve a guerra, mas devolve-lhes dignidade e um direito humano básico, o direito à saúde. As crianças abraçam-nos dizendo-nos *habibi* (amor em árabe). As famílias sorriem-nos, sim, pois põem a sua esperança em nós, para que o resto do mundo não se esqueça delas.

Somos uma grande família e habitamos uma casa comum, lembra-nos o Papa Francisco.⁷ Não podemos continuar a considerar que os problemas lá longe não são nossos. Já está em marcha uma revolução da partilha; os milhares de pessoas que sofrem neste nosso lar vão provocar, mais dia, menos dia, um tremor de terra social à escala planetária.⁸ O que pode, então, cada um de nós fazer? Para quem se sente vocacionado a trabalhar no terreno, várias ONG continuam a receber voluntários nas suas missões. Nesse sentido, concordo com os Editores-Chefe: é essencial começar a investir na formação em medicina humanitária.¹ Mas, acima de

tudo, cada um de nós pode contribuir para fomentar uma cultura de integração no seu dia-a-dia e no seu meio. Em Portugal, continuam a ser necessárias instituições que se ofereçam no acolhimento de refugiados e faltam voluntários com sentido de missão. Há tanto por fazer, tanto por amar. As feridas da humanidade não se esgotam na Grécia nem nos refugiados, é certo. Mas pedem-nos um compromisso e ação concreta. É tempo de abrir as fronteiras do nosso coração e da nossa ação, e assim contribuirmos para a construção da paz e diálogo entre os homens.

Palavras-chave: Assistência Humanitária; Organizações; Refugiados; Voluntários

Keywords: Organizations; Refugees; Relief Work; Volunteers

Conflitos de Interesse

Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse na realização do presente trabalho.

Fontes de Financiamento

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

Correspondência

Rita Coelho
anaritacoelho@gmail.com
Rua da Beneficência, 193, 3º E, 1600-019 Lisboa, Portugal

Recebido: 03/06/2017

Aceite: 01/08/2017

Referências

1. Oom P, Esteves I. Um ponto de partida. *Acta Pediatr Port* 2015;46:295-6.
2. United Nations High Commissioner for Refugees. Forced displacement in 2015 - global trends [consultado em 26 de abril de 2017]. Disponível em: <http://www.unhcr.org/statistics>
3. Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados. Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado [consultado em 26 de abril de 2017]. Disponível em: <http://www.acnur.org/>
4. United Nations High Commissioner for Refugees. Update on Syria emergency [consultado em 26 de abril de 2017]. Disponível em: <http://www.unhcr.org/syria-emergency.html>
5. United Nations High Commissioner for Refugees. Refugee

- situations, Mediterranean situation [consultado em 20 de julho de 2017]. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/situations/mediterranean>
6. United Nations High Commissioner for Refugees. Site profiles (Greece) [consultado em 26 de abril de 2017] Disponível em: <http://www.unhcr.org/europe-emergency.html>.
7. Vatican. Encyclical letter *laudato si'* of the Holy Father Francis on care for our common home [consultado em 8 de maio de 2016]. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html
8. Visniec M. Caderno de textos a propósito da estreia de migrantes, de Matéi Visniec. *Textos de Almada* 2017;64:5-6.